

LAHAR-ZAOULI

Luís Serguilha¹

Uma mão cortada pelo olho em jazz traduz o irrespondível, decifra sem reconhecer adobes, dilata espaldeiras, difere e faz da espera das telhas-soltas uma musicalidade do improvável, um fluido sensorial, uma apreensão expurgatória, uma divergência a surripar os restos de terra, uma labação-crespa e uma transbordância de pardelhos-conirrostrós que imergem dos alceiros do caos, espelham o desconhecido na estranheza dos lavadios através de ondas rítmicas da deformação ao lado de um samarro violáceo ainda com batidas dos pértigos onde uma dança do imperceptível é fissurada pelos ecos insituáveis de uma voz, e um olhar se rescinde com o ressoar do risco do anónimo à volta de espectros de uma sirga atravessada por encontros contractivos e expansíveis da pele do animal: dizem: esculpir histericamente posturas e atitudes intervalares de um corpo por dentro das traçadas da excripta opalescente a estilizar-se no recomeço de sintomas da deriva: aqui- agora: uma voz abisma-se por dentro de uma palavra estranhamente a anteceder um acto inumano na hesitação do silêncio, buscando sempre uma perturbação esfíngica por meio de linhas acidentais que inactualizam uma cabeça a jorrar sangue contra uma relha rebrihante do arado verbal: noutra ângulo: peias plenas de surraipas e de gorduras de caldo sobre um leito ungueal, e a polpa electrónica de uma unha reluz, ondeia e meandra para não morrer na própria impossibilidade: dizem: uma mão-vitiligada a estampar-se com anarquias de vozes a emaranhar e traduzir nistros dos desdobramentos de uma obsidiana de impermanências com uma suspensão do acaso a embater nas sínteses alógicas e acósmicas de uma contextura infinita: uma língua encilopédica revigora sua indeterminação por meio de vibrações do indiscernível-pisa-mansinho-boca-a-boca a des-laçar-se no vórtice no anónimo e do anómalo: dizem: guinada trágica a rebentar no inescrito de uma paridura rigorosa e delirante: uma luzente savelha no talhadouro em movência-vitiligada a transmutar o irresoluto da ocultação em pedra no alto quase-rectangular de uma minúscula janela do assombro onde o tempo é imensurável, é uma mutação de sonoridades anorgânicas a suspender vazaduras indefinidas nos hiatos das vozes por vir: há espessuras miceliais do sentido valdeiro em torno dos destroços das urcas a infiltrarem-se na transbordância indecifrável do pensamento: dizem: vasas expressivas acontecem na diferenciação de um ponto de vista já em hibridez vascolejada por estilhas das ucharias onde o

¹ Luís Serguilha, poeta, ensaísta.

espaço é escutado pelo respiramento voraz da língua rés aos sopros das golpeaduras assintáticas: uma auscultação da matéria-sensível alvoraçada pelas emergentes travessias de uma língua a mesclar-se com indeterminações sensorializadas por cartografias de entretempos onde a estranheza rumoreja, estaca-se na dádiva do lodaçal e realça uma fissura sangrenta do varadouro de um dizer ecoante sobre um pau de pendurar candeias em tremenda enervação voltaica: capturar-forças-verbais e lanugens do viso entre cordões feitos de fios de retrós e de seda entrelaçada com amarrilhos de ouro em torno de um tangará-dançarino: às vezes, distensões de falas nómadas por dentro de um enxurreiro de unto, de gambiarras e de liços com aberturas-bricoleurs a criar distâncias silenciosas à volta de palavras-imagens que se escodiam entre restos de cordões umbilicais e garimpos de ladainhas de um abafadouro com açames de corda onde partículas aglomeradas pelas apeirias se caotizam esvaziando-se ao impulsionar uma voz heteronímica para um advir anorgânico que é já uma duração do grito sem rosto no embate com os varredouros entre aivecas da incompletude e um germe-lingual invaginado pela deformação intrusiva: extrair assimetrias do outro em nós-esfíngico que nos faz dúbios através de um atractor do inacabamento a transportar pedaços de cesuras de uma espera de bachelos para uma repetição aformal que se embaralha molecularmente com o conflito das palavras-imagens sempre em via de construção autotrófica de uma prece do barroco floral a deambular na exultação fabuladora: dizem: abrir esquecimentos com lapsos desregrado da voz a infinitizar-se na sua escoadura múltipla, soltando-se em vara-do-avesso a respingar com passagens quase imperceptíveis entre outras vozes corporais histerizadas pela hipnagogia fora: uma EXCRIPTA-lahar relança gomos, aros, turfás, acelgas, lamas, chispas, enxúrdias à cova das apeanhas das expressões com a desmesura de uma visão fendida por estribos e laços de lucernas voltados para o esfossar entre jogos germinativos em esgotamento obscuro onde o inapreensível, os golpes das transparências e a ambiguidade captam o intempestivo quase fora da visão e se tornam ritmos anómalos, drapejando carregados de tensores delirantes e de sentidos a dilacerar o real ineditamente: dizem: sintoma incorporal de uma fala intrigada a deslizar na ressonância de uma tentativa oblíqua do poema de se lacerar com a sua própria cegueira heterotópica provocadora de visões assombrosas e de exageros fecundados pela acosmicidade de uma ressurgência em desvio onde o real diverge infinitamente entre ecos de restos de uma disjunção imagética: dizem: escutar povoamentos intersticiais no espanto irrefreável envolvido por adivinhações larvares, transcendências e paramnésias a experimentar uma vizindade cruel do lahar que se emancipa através de uma cura abíssica e da subversão mutante e geradora de tempo que se devora ao reconstruir violentamente uma pele-vitiligada imergida numa quase-não-escrita em retorno

polifônico entre sínteses espirituais e aberturas de decifrações anorgânicas: dizem: há uma abertura para sentidos por vir junto a uma confiança e proximidade de um lapso nebuloso incolmatável: há um espelhamento a disseminar-se na consistência rigorosa do acto de pensar infiltrado na encenação directa de uma cabeça em mergulho assimétrico e desumanizador: dizem: uma voz escuta-se esponjando inversões intersticiais e uma taticidade visual de um tempo a sagrar-se nas rupturas múltiplas das imagens onde uma inconsciência interrompe e oscila no inexplicável de uma voz por acontecer rés à ociosidade da palavra por dizer em torno de uma enciclopédia ondulatória: há uma dança metamórfica e larvar a impelir uma mão-excripta que morre permanentemente e se transverte virada para o futuro involuntário de uma mutação informe: alguém diz: atalhos de duplos sentidos, tremores da magnitude do impensável, minúsculas marchetarias atravessam as interrogação do acaso, a misturação dos desassossegos e fissuras de uma mão a vacilar nas dismorfoses como uma descontinuidade intuitiva nas tendências do desconhecido a vir à tona radicular de uma composição de avessos cristalinos que deixam ininterruptamente cicatrizes acesas, restolhos-reais-e-ocultos e varreduras prismáticas a entrar nos encontros inéditos do corpo, recomeçando na mão-vitiligada e corroída por dobras ávidas e disruptivas: excriptar com velocidades espaçadas e diferidas pelas aberrâncias abertas por imagens imprevisíveis a soltar durações acronológicas compostas através das suas camadas elipsadas e angulares, descerrando desvios rítmicos com estímulos de uma catástrofe de mapas por acontecer onde uma abstracção sem voz relança sentidos pré-babélicos para uma centelha cárstica da língua, dançando géneses, derivas e epistêmes inegotáveis onde uma distância-mangue impulsiona rastos, ondulações e derivas animalizantes: dizem: barroco gótico a arrestar o insensível, o imemorial, o oculto e o impensável até às reminiscências de súmulas plasticamente diáfanas em deformação-lahar junto ao cântico-voz críptico de um devir-vazio a perfurar visões infaustas dos extremos de uma língua gerando variações expressivas e vizinhanças pré-vocais: outros dizem: estilização do inacessível dos instantes súbitos e de uma enciclopédia fora do destinatário, reintensificando o vazio criador de abscissas respiráveis onde o estranho ritmável com vários níveis delirantes revela o seu quem sabe no deslumbre de uma expressão diabólica em arremesso exuvial, desestabilizando com cruéis heteronímias e turbulências perceptivas tentativas cognoscentes: inventar durações puras no fundo turbilhonar do tempo através da ontologia da desumanização a espalhar vazios atômicos lucrecianos pela eternidade das imagens-palavras-lahars onde voltagens da desapareição impulsionam enlaces da dança-excripta inconsciente a revelar mutações alucinatórias com a marchetaria de uma fiandeira vertiginosa: há uma mão-vitiligada a absorver a reconstrução do eterno no pensa-

mento da excripta onde tudo se mistura no impossível caótico, na vibração verbal, no hiato incessante de um arrasto ontológico, no risco enviesado da indefinição e exige visiva do inacabamento a experimentar o aqui-agora e suas coexistências diferenciais, subvertendo: dizem: brotações epidérmicas fervem e regurgitam ao coalescer antropofagicamente o excesso do finito turbulento, indeterminável e labiríntico onde batem cabeças azuis emaranhadas a adentrarem-se nos próprios fungos coléricos e irascíveis com punhados de ar a eriçar seus sintomas estimuladores de sentidos entre saliências das lâminas em vareio cheias de vincos acentrados e de volutas caotizantes: há um serpeio paramnésico a transbordar desabaladamente cronografias com vozes multilíngues ventiladas por movimentos anónimos (transpor o inultrapassável com musicalidades de uma solidão do impossível e fazer dos rastos deste movimento da incerteza um arquivo aperiódico em transmutação lahar já impregnada no gigantesco corte do indecidível e na violência sensível do obscuro: uma abaladura a demolir-se, esculpindo-se em paradoxo de uma visão interminável que tenta traduzir o ilegível com escoaduras dos hiatos, das vertigens e dos vazios de uma lucidez já em divergência insana por dentro do tempo de uma transfronteira informe: dizem: hiâncias-olhantes a alvoçarem-se com fragmentos hápticos e com o vibrátil dos esboços de uma sublevação a escarificar topologias de uma improvável pele-excripta-mundo que é já esgaivada por tricotagens de uma vizinhança de rasgaduras indiscerníveis a envergar uma obscureza verbal por meio de abjunções de vidências rasgadoras do lahar, irreconhecendo cruelmente qualquer rosto): uma excripta se torna vislumbre de uma não-resposta entre zonas insólitas e agudezas simultâneas do tempo a desdobrarem-se numa dança de memórias futuríveis até roubar espelhamentos de palavras-imagens em perambulação devaneadora: um lahar é já um pensamento, um espelhamento de composição de inquietações sígnicas, um leitor da desrazão e um excriptor a oscilar no respiro acontecimental de uma infinita angulação assimétrica ritmizada por expressões nômadas do real-impensável, atraindo o phaneron que nunca se captura, arrasa, acrescenta e amplia incisões e rompeduras ecoantes à obscureza, abrindo vozes indiscerníveis da existência entre ritmos inventores de uma língua-lahar: dizem: uma língua entranhada na volteadura em vareio ponteando distâncias com torcimentos expressivos a regurgitar com sonoridades desconhecidas e ondulações incomunicáveis diante do insensível onde uma palavra extasiada irrompe para enlaçar o rumor da morte e respirar violentamente, criando despenhadeiros oblíquos e geografias verbais compulsivas: outros dizem: ante das esquivezas das ruínas há inervações de uma língua em desapareção prolongada onde uma voz-lahar rasga-se, invade, estrangeira-se e esculpe errantemente uma existência aformal, acontecendo no inatingível do lonquínquo ao exprimir seus vazios, seus ensaios fabulado-

res e suas alacridades solitárias e suspensas na fragmentação de pontos de vista porque já está a ecoar no mais ínfimo da mão-excriptora sem destinatário, torna-se em quase-derrocada, compondo-se com a voltagem contínua de um ritmo da deformação: uma mão-reminiscente intensifica raptos verbais, hesita e foge com lacunas de uma fala, pousando vibrantemente ao recusar o sangramento letífero, por vezes, se estraçalha e entremeia o inexprimível das palavras acentrando-se com coexistências catalíticas a desfazer recognições onde o múltiplo-lahar a cada instante é o pleno de uma voragem estimuladora de desvios, é uma dimensão caótica e imprevisível ao expulsar e abrir uma fala com abjunções de uma distância sublunar: uma mão reinventa-se caoticamente e se impregna de forças supremas dos intermezzos, experimenta o assalto do infinito, resvala no impervio e no ínvio, assimilando uma inusitada existência que transporta a morte e o abandono, rastreando seu resguardo por meio de uma língua vestigial, espúria e autotrófica entre línguas-mangues com incrustações e quiasmas crônicos por revelar através de sintaxes anômalas e de carnagens de vozes levantadas pela musicalidade cruel de uma delicadeza a esponjar o adverso silencioso e os vazios de uma estrangeiridade turbilhonar: excriptar é uma sageza alucinante do tempo de uma falha adjacente à traçadura de manchas em desaprumo: excriptar é um entretempo de uma gestação imprevisível a sofrer fisgadas, arpoadas, histerias e excessos geradores de espelhamentos de forças-lahars por detrás das palavras: excriptar é uma tecelagem sensorialmente alógica a religar restos de um olhar ao fora da visão fazendo falar o desconhecido com minúcias, respirações, acidentes, saltos e gritos que atravessam escavações sanguíneas de uma voz: excriptar é uma gênese transdutora sem fundo a escarificar ecos dos limiões dos exilados e dos estrangeiros a interrogar o insondável com passagens de uma errância onde bordas das catástrofes transvertem-se em fluidos de recomeços de um chamamento já em extravio animalizante perante o resvalo da dor nas ressonâncias de uma voz incompreensível: dizem: uma diferença instantânea e intraduzível a envolver o impensável do pensamento-lahar que golpeia a matéria e enlaça novamente a linguagem ao corpo da excripta em *escarificação-BODENLOS* onde liames de uma voz despontam atravessados por uma escuta estranha, inomeável e irrepresentável do real: há um salto inédito com uma dor a tatuar-se no rasgo de uma excripta, há uma dobra a diferir-se cronicamente à volta de vazaduras de divergências, de pronúncias e de vórtices do acaso a interrogar uma mão-vitiligada no silêncio do insondável: dizem: uma espessura molecular liga-se à estranheza de um acentramento idioletal que tenta sempre ultrapassar a morte: outros dizem: uma mudança a inatualizar-se de esquelha em esquilha, um instante por pulsar na percepção esquiva, uma tradução de capturas dos colapsos verbais, um gesto antecipador de talhas e de forjaduras em despo-

jamento, uma matéria adstrita fazendo existir um clarão no indiscernível e uma intuição caótica a esculpir o incomensurável através de um assombro subcortical: alguns ainda dizem: uma sintaxe abre-se delirantemente ao ritmo da transmutação, cria tempos, inventa, compõe, embate com detalhes, indetermina-se, expressa, espreita, confunde, mistura, expande-se, descontinua-se, fende-se, busca mutações, enviesa-se, golpeia, dança com rastos do intempestivo e com restos de uma tradução espiritualizada pelas subtilezas cruéis dos sentidos a envolverem-se nos limiares de uma experimentação inconsciente-lahar: há uma visão desarvorada, vibrátil, plástica, inapresentável e acronológica sempre a abeirar-se do incógnito e das presenças ocultas da excripta onde fragmentos verbais em construção anónima criam passagens de uma voz sísmica com gestos de fala e com palavras carregadas de geologias e de botânicas abertamente sanguíneas: aqui-agora: destroços em transposição exercitam velocidades de sensações ocultas e rasgam o tempo de uma língua na deriva animal que nunca pertence à mão-vitiligada e simultaneamente a faz esponjar o sublime intersticial a irromper da duração do impossível impelida pelo atrito das imagens-palavras ritmizadoras de tramas do indefinido em torno das espessuras ignotas do vazio: uma mão-vitiligada através de uma demudança abstracta escapa à morte e escora as golfadas inflamatórias do vólculo entérico com sua estranha violência gástica apinhada de manchas de jogos sanguíneos fora de qualquer contrição, remorso ou metanoia: uma excripta se transmuta nutrida pelo acaso das vacilações do verso livre e pelo caos do exílio inaudito onde uma fala interrompe-se silenciosamente por dentro do indiscernível até aos sons escondidos da animalidade a deslaçar palavras com um grito ainda por habitar uma escuta, um respiro das anamorfoses, uma passagem irreconhecível e um olhar em escapamento sobre uma mão sempre por escolher e a dobrar-se para dentro de um trago entre vozes-outras e uma língua fendida pelo seu próprio acesso à ruína, à crueldade e ao abismo: dizem: falar divergentemente o silêncio com o instante de um nó a claudicar na irrupção de uma hiância estranha que sobrou do esbarro inominável de um futuro movente e da quase-morte impulsora de uma excripta intuitiva a ecoar nos vazios e nas escavações do corpo: uma excripta assimila os gritos e as vozes que percorrem o obscuro e a extrema lucidez do incógnito, alcançando a duração animal do espírito no signo esquivo para transportar uma cabeça de rastos crípticos com uma luzência tremenda dos mistérios que se espelham cruelmente sobre uma mão-vitiligada com as tendências delirantes de si-mesmas, conquistando tempo à desavença inactual de uma voz que sempre vem em suspensão quiasmática: dizem: um acervo informe aberto às disjunções de imagens, aos retornos das renascenças sígnicas, à catarse de novas geometrias e à insânia de inusuais semióticas, tornando-se puro acto de fala à volta de uma voz que entranha nos

desconhecidamente: um traço lacunar do tempo escuta uma geografia por fazer, um fragmento plástico da episiotomia de uma interrogação, um sintoma em desmanche relampejante, um prisma da indeterminação de um respiro instantâneo, um mosaico de crises e de fricções em devoração, uma elasticidade alucinatória, um processo no riso do impossível, um cântico sem dicionário, uma voz a reinventar-se no escândalo, uma falha carregada de cariopses e de resíduos de apoastros, testemunhando as imagens-palavras a regurgitarem-se por meio da própria indefinição que nutre o vazio diante de um manguezal de sentidos: aqui-agora: nada desponta, apenas se regenera no ilegível metamórfico, tudo é assimilado pelo falso da descodificação diante da arruaça verbal e das danças das carnaduras ínfimas da língua onde uma fala escava a matéria de uma voz ainda sem geografia e com sopros estrangeiros ventila mapas rítmicos entrecruzados pelas traições criativas do real: dizem: aglomerados de células humanas e desumanizadoras a demudarem por meio de um crivo dismórfico e irrefreável onde o desconhecido e os avessos mostram o esfacelamento cruel da excripta, atravessando fronteiras e mensurações do embate som-sentido-incorporal e uma visão ressurgem no \emptyset de um silêncio do nonsense com falhas de uma mutação inacabada e a fraccionar-se através das travessias do infinito em delírio: há um fundo intricado e incognoscível suspenso no instante-geológico da fala e nas imagens-palavras com trajectos anorgânicos a fazer durar a escuta do transitório, avizinhandose do silêncio perturbador de Hölderlin e do acaso irrefreável de Mallarmé: ao lado: um grito torna-se som sanguíneo fora da voz que nunca atingirá uma significação e um destino: por vezes, à volta de uma imagem o anónimo e o anómalo criam visões e exercitam o que há de mais sagrado por meio da escuta da profanação onde o mais escavado do espírito se torna uma voz comunal de uma pergunta incomensurável dentro do rasgo suspenso na fala-insonora: um quase-querer-dizer de uma prece a ondular no indiscernível e a fazer dos hiatos e das incisões da linguagem um vazio suspenso na inscrição de uma língua por vir e sempre por designar, desaparecendo nos diafragmas enigmáticos das palavras-lahars: uma consciência disjunta-se diante do horror e do inominável, cria sentido errante ao absorver o vazio da excepção, estrangeirando-se como uma deriva da fala a esgotar-se convulsivamente no assombro do impensável: aqui-agora: vozes se esvaecem e se dissipam nos andarilhos magmáticos da linguagem onde uma escuta de uma voz-estrangeira se encarna na tragédia, despontando tremendas incógnitas nas filigranas caóticas da linguagem-lahar: uma excripta se excripta com lahars compreendendo as endemias das magnitudes e dos excessos, embaçando a língua com o inviável e o ininteligível que espelham ininterruptamente o fendido e o defectivo onde um grito acontece fora do vozear, levando suas texturas inumanizadas e turbulências para desvios labirínticos, metabolizan-

do-se até às ritmicidades de uma voz-pensamento a fender cruelmente consciências com conflitos episiotômicos: uma mão-vitiligada da excripta pensa com lances estilizados pelas curvaturas de mapas de uma duração subversiva a abrir imagens e a invadir assimetrias sem qualquer arrimo, reforçando entretempos de composições imprevisíveis onde uma voz se esponja moventemente quase fora de qualquer sentido, é um liame de escutas irrefreáveis a livrar grito-corpo por meio de uma visão vinda do fundo-sombrio-barroco floral que se transmuta com signos obscuros de uma interrogação suspensa no inominável: toda a excripta busca as ruínas ínfimas de uma visão dentro da dor que gerou uma imagem-limite na apreensão vibrátil do intraduzível: por vezes, misturas rítmicas descerram espaços na escoadura do esquecimento para decifram o que impulsiona as dobras-lampejos das palavras para uma dança indeterminada do silêncio onde um respiro-lahar esculpe uma voz com alicerces caóticos espalhados pelo corpo que se revigora com quase-expressões anteriores às palavras que nunca apresentam uma resposta: aqui-agora: membranas sígnicas irradiam e ondulam na película profunda do sensível até atingir o indiscernível-tecimento e simultaneamente mostrar o irresgatável-mosaico por meio de uma desapareção moebiana que recusa, envolve, dança e e diz dentro de uma musicalidade fissurada por uma voz intermitente e intuitivamente ambígua a buscar um possível sentido ao eco-constelar do desconhecido: uma excripta não vê a sua excriptura, é uma fenda da estranheza e da desmesura a incorporar no seu movimento abíssico o que não tem e o que a faz recomeçar geneticamente na invaginação, nos sentidos, nos lapsos, nos espantos e na potência monstruosa do frágil, atingindo o aformal de uma pré-devastação sígnica através de peristalses de dores e de relações gémicas, forjando um vórtice inumano à volta das palavras-imagens sempre por acontecer através do indizível: toda a excripta infinitiza-se com o tempo vesânico preenchido por sínteses atômicas lucrecianas e uma geografia-lahar se espessa por meio da própria ruína enigmática diante da incidência do intolerável: uma excripta lacera dicionários, desarranja-os com escoras energéticas a perfurar guardadores de túmulos de filósofos, de esfomeados e de herbolárias: dizem: uma musicalidade cruel a traduzir o dentro turbilhonar dos mapas de destroços com múltiplas vozes que passam de um tempo crónico a outro tempo germinativo onde o silêncio se torna escultor inapresentável do real através de uma força do dizer o mais obscuro no embalo do indizível: uma excripta acontece intensivamente quando uma fala e uma linguagem se desviam e uma mão desaparece e se torna no próprio poema-lahar compondo geografias intermitentes do pensamento com gritos insonoramente vitiligados e com fissuras das estranhezas e dos vazios de uma matéria vibrante: excriptar talvez seja já uma renúncia rítmica da própria excripta através de uma catástrofe sígnica que a excripta faz

de si-mesma perante morte, o desconhecido e o resto de uma voz: há um crime accidental e uma fereza do silêncio entre rituais de cura e acessos de liames suspensos no rigor abismal rés à visão opaca e azulada da cobra d'água com fenda vertical a mudar de pele: outros dizem: movimentos espirituais simultâneos envolvidos pelas membranas delirantemente matemáticas a descentrar ainda mais um poema-lahar com um olho genético infiltrado na sua desdobra anorgânica e desumanizadora: uma úlcera em recomeço evasivo a esboçar-se na abertura da carne inóspita, anecúmena e intratável onde uma fala atrai o inexplicável e lavra o limite da voz com o rasgo ressoante do silêncio de uma desapareição que faz diferir uma excripta com uma falha da língua que percorre o vitiligo de uma mão até ao embaraço-óbice-estorvo e à rasgadura entre voz, fala e palavra envolvidos pelo vazio do inexpressável em forma deformada de uma repercussão a esculpir o desvio-equívoco-convulsivo de um germe do oculto: há um olho-intervalar a acelerar, a pousar, a ralentar, a ondular, a sobreviver e a ritmizar-se nos detalhes caóticos, nas nuances dos signos das ciências-da-estranheza e na geometria projectiva, avolumando uma ferida testemunhal e irrepresentável diante de epistêmes da indeterminação: uma visão vibratória irrompe da matéria hifal e revela o imperceptível por meio do atrito inconsciente das palavras-imagens em irradiação metabólica e autotómica, possuindo uma memória do esquecimento que se redobra ao infinito, enovelando sensações com ressonâncias do desconhecido religadas às mutações da vida: uma voz introduz sua pele obsessivamente, tentando dizer seu alcance instável e irresoluto nos acasos múltiplos do inescrito: há encontros de desmanches verbais a infinitizar o finito do exílio, da escapatória e das errâncias entrelaçadas umas nas outras com angulações prismáticas a mergulhar no fundo rítmico de uma desumanização onde o recomeço-mosaicista aproxima uma mão-vitiligada do signo incapturável por meio de fragmentações irruptivas do espírito, mostrando o vigor da obscuridade e o esforço supremo de uma transmissão-géstica nas energias caóticas que a extrapolam simultaneamente sem insígnias e inventando expressões alucinadas para além de quem as lê e as escuta: dizem: um lahar-dança-inconsciente a turbilhonar intuições com volutas hipnagógicas e com toda a linguagem em fuga-falha e um rosto perde completamente suas periferias involuntariamente e se torna incógnito e desconhecido para resistir ao contágio da morte através de uma palavra incorrigível e insanável: de um traço de linhas gémicas brota um lahar-contrate que impulsiona o olhar a levantar-se juntamente com alteridades do inescrito e a espreita da devastação germinativa de uma essência-animal que não diz, nem descreve, mas exige estranheza, reinvenção e mutações consistentes, advertindo ininterruptamente por meio de seus limites vesânicos onde palavras brotam das redes da dor de uma mão-vitiligada e tornam rítmicos seus

extremos indeterminados: alguns dizem: encontro de escombros expressivos da visão a estilizar-se por meio do inapreensível, do múltiplo, do vazio e do cristalino diante de um corpo a dar-se à crueldade única do silêncio: por vezes: uma insónia gótica exalta golfadas do inactual por dentro das reminiscências das palavras-imagens a rasurar, a esboçar e a desaparecer, repetindo desvairadamente até se transmutar em espelhamento forqueado: outros dizem: trajectórias sígnicas a recomeçar e antecipar uma voz que ultrapassa a morte por meio do caos-lahar, construindo geografias indefinidas entre danças topológicas e afectos anómalos de uma expressão: aqui-agora: palavras disseminam-se, fendem-se e despedaçam territórios até atingir o imperceptível de uma mão onde um dicionário se exsolva e se arquitecta nas vozes transmovidas e metamorfoseadas pelas vertigens do vazio: dizem: fluir na eternidade cubista do impensado povoando interstícios com a revelação sensitiva de forças divergentes à volta de partículas aformais que criam e recriam com o assignificante-lahar a ritmizar uma mão-vitiligada feita de lodos e de acosmicidades epistémicas em torno do silêncio da desapareição: outras vezes: repercussões das palavras-imagens prolongam lampejos leibnizianos pelo impossível e pelo tempo infindável a fecundar zonas inexplicáveis e obscuras: uma voz-lahar evidencia sua sintaxe em tradução caótica no inaudível alicerçado por lógicas irracionais, subvertendo designações e gerando-se a si-mesma através de um silêncio insituável e latente: dizem: vida a desmesurar expressões ao lascar sentidos com inéditas ruínas que devoram a experimentação do desconhecido entre personagens mutantes a levar uma derivação do silêncio para o desvio das gretas acósmicas e indefinidas de uma eternidade germinadora: dizem: transgeografia estranhamente absorvida pelos contrastes de uma interrogação colocada em risco fabulador: uma traçadura ativa e vazio religam-se ao alvoroço de uma incompleição indecifrável e uma cegueira ou o quase-enceguecimento absorve o real espélico que anterioriza uma possível fala com tramas anónimas das palavras no fundo assombroso das imagens ainda a ressalvarem fendas perceptivas ao traduzirem o vazio in-exprimível e transmutante com golpes disjuntivos do silêncio: há uma extração de instantes nas contexturas caóticas de uma voz a revolver-se diante de outra voz esquiva, escavando fundos abstractos e minúsculas catástrofes das palavras até se transmutar em eco de mapas de vertigens inumanas, impulsionando sínteses do inacessível: aqui-agora: uma voz move-se na fala intrusiva entre fugas verbais ininterruptas e relances-vislumbres da incerteza escarificadora de uma mão-vitiligada: um lahar se faz abarcamento múltiplo de ambivalências através de vozes suspensas no ininteligível, tentando acessar a um sentido molecular e a uma insurreição para além de qualquer conjectura do fracasso: outras vezes: um lahar vai além da linguagem, o seu grito é fluxo de entretempos a escorar e a envolver contágios

sígnicos sem fundo onde o anómalo é ritmado por forças animalizantes e desumanizações até atingir a ocultação mais estranha dos órgãos indeterminados onde a eternidade é revelada através dos lances videntes e dos esboços do imprevisível, dilacerando e reconstruindo o real em fricção com o exílio de uma mão em rasgamento inesgotável: intermitentes imagens reviram-se abstractamente e dilatam retalhos, ecos e passagens pré-catastróficas de um labirinto da mão-tradutora junto das vozes crónicas a deslaçarem-se dentro de palavras relançadas contra gretas de espelhamentos que se religam ao fascínio de uma quase-morte, de um entre-deformado, de um salto do excesso, de uma experimentação buscadora do insensível e do imemorial, sublevando acepções: há uma topologia géstica a recriar-se rés ao flagelo e à de-composição verbal, fazendo da escarificação e do espaçamento cruel da língua um jogo de coexistências abissicas e ampliadoras de subtilezas e de gradações de um ínfimo inexaurível a persistir na fugacidade sígnica, antecipando sentidos carregados de gambiarras de sopros inenarráveis e rasgadores do real, dando pulmões testemunhais ao silêncio: fazer do respiramento do indizível uma visiva alógica a histerizar as capturas-raptos de um dicionário com o movimento ilocalizável de uma percepção que se caotiza, exulta e atravessa variações pré-vocais entre manchas vibráteis da linguagem e os sons das palavras que reverberam no abandono da clareza, deformando contornos e formas escandalosamente: dizem: relançar visões em cada risco, em cada estilhaço e para o oculto de uma abertura móbile que experimenta a duração com o informe das passagens e com acessos incorpóreos: entre espaços e silêncios, os inversos sem respostas aglomeram-se sonoramente nas adjacências do oculto, criando falhas indefinidas nas palavras de um pré-dizer que exercita o impossível com fracassos, quedas e dons: às vezes, uma escuta de chamamentos ininteligíveis distende-se e dispersa-se no incomensurável de uma imagem rasgada pela sua própria ressurgência ao tentar desenhar o acaso e materializar um sentido no dizer atritado pelo impossível: outras vezes, a emancipação mais extremada das palavras produz hiatos rítmicos, rastos inóspitos, consistências sombrias e superfícies afundadas na excriptura ao tracejar fugas mosaicistas de um olhar sempre indeterminável e em captura abismal: uma excripta-lahar abre-se à indeterminação, joga, deforma, se recompõe com ecos trágicos, assimilando esputações do corpo, esbulhando-as através de alçapremas híbridas: uma excripta demove-se, distancia-se, transmuta-se em assombros imergidos nos auspícios arquitectados por dobraduras dos respiros verbais: uma excripta-lahar fortalece-se com ritmos anorgânicos, rasga formas, refaz destruições, transborda por meio de desmanches sombrios e de tramas vorazes das palavras: uma excripta mergulha nos exercícios do silêncio, recomeçando nos crivos das catástrofes verbais a exigir uma escuta por dentro dos seus derrames e das suas incógnitas expressas

nos acasos cruéis do tempo: uma excripta se improvisa e invade o exílio, ablegando-se com atravessamentos etológicos através de uma garimpagem germinal a envolver a loucura vitralista de um heterónimo em migração cronizada: dizem: linguagem solitária a abocanhar seu mangue miscigenado com distâncias das composições de entre-dizeres ressurgentes, fluindo em vórtice gémico com ecos arrebatados pela carne da vida que antropofagia a morte com estilhas do único de uma ruptura dadivosamente irresoluta: aqui-agora: uma desumanização se infiltra nos estiramentos do silêncio e um interstício fertilmente vibrátil suspende uma fala com a pele turbulenta do indizível e da desmesura: há também sentidos instáveis e desvios fragmentários no lahar, flutuando nos richochetes micorrízicos e arbusculares: há eternidades reinventadas por hiatos desconhecidos e reen-trâncias animalizantes misturadoras de tempos com retumbâncias do inexpressável a sair de uma voz em forma de roubo andarilhado pela adivinhação: há jogos de errâncias a testemunhar o imprevisível e o contágio silencioso de uma solidão animal em renascença irrefreável: há fissuras abertas por palavras no desconhecido emancipador de vozes por meio do inconsciente: há uma ressurgência verbal que não é reflexo nem desígnio, mas uma imagem do real dilacerado pelo esgotamento de uma percepção delirante: há um recomeço musical nas nesgas de um olhar a escutar um acidente das palavras por meio do subtil intraduzível que alanha cruelmente o impensável, pulsando na devoração das ruínas do inconsciente: há tensões bifurcantes na velocidade drenada das palavras onde hemorragias aceradas entre imagens abismam percepções, antecipando-as com a plasticidade do excesso inomeável que devasta uma mão do excriptor a friccionar microbianas da rizosfera verbal, exercícios do incógnito e do eventual: dizem: rastos de sintomas misturados com sentidos babélicos dentro de uma transdução geradora de tempo: outros dizem: um espasmo-lahar a constranger uma excripta e a criar redes de ecos nos espelhamentos intempestivos: é uma duração das rizobactérias a esculpir o indiscernível de uma voz atravessada por gritos de um chamado inalcançável na tensão molecular plena de estranhezas sígnicas: dizem: plasmalema vibrátil a confluir para traçaduras paradoxais, transportando expressões de modos assombrosos para sopros das palavras a desabar nos trajectos das mutações do silêncio: há silêncios ilegíveis diante da dor a rasgar um sentido nas sonoridades de um desvio ulcerativo entre hifas, células corticais e invaginações meristemáticas: uma excripta enreda-se, combate-se inumanamente e nunca se submete ao movimento cognitivo e à estacaria fibrilar da mão, expressa-se com traços aformais, extraíndo decifrações aos sentidos dançantes do inconsciente: uma excripta-lahar se entranha nos enervamentos ectópicos de uma visão hipodérmica, fragmentando-a com tempos simultâneos e por forças escarificadoras de musicalidades, de silêncios, de vazios e de

ritmos em respiração espelhada pelo esgotamento do acaso: uma excripta a flutuar através das misturações voltaicas, de tensões de vazios e de securas irradiantes que atravessam uma mão-vitiligada onde sopros flutuam para adivinhar o marulho cósmico nas angulações do intraduzível: dizem: histerização ondeante infiltrada na excripta que é já um olhar intersticial a emergir da matéria imemorial e insensível, carregado de movimentos intrusos, aformais e inauditos em cada instante impulsor de linhas de forças temporais a extrair de si-mesmas, transbordando sempre por descodificar inconscientemente: aqui-agora: um sopro mesmo em senescência se relança no caos e peneira limiães com outros limiães de uma mutação contagiante e cruelmente mutualista, insurgindo pelo avesso das palavras onde sons se sensorializam entrelaçados pela respiração afora: ao lado, palavras resgatam o tempo reminiscente que escapou, defrontam suas quebras, sugam todos os destroços do exílio ao seu redor para dizer ínfima estranheza e dissipar ecos capinados ao silêncio e a febre intermitente de um presságio se torna cerne múltiplo do irresoluto, reverberando: imagens e palavras criam atritos alvoraçados por zonas indefinidas que exigem ser compreendidas através de seus pulmões secretos: uma porosidade rítmica e cruel captura composições de uma língua cárstica a projectar o falhanço no rasgo da mão-vitiligada que se torna insânia atomista na velocidade irrefreável dos cruzamentos do real e minúsculos lahars se embatem, se redobram, hesitam, indeterminam e atordoam floral-barrocamente, fazendo da excripta uma movência labiríntica, um tempo cronizado pelas renascenças viscerais do infinito: aqui-agora: uma lucidez-lahar com dores crónicas extrai palavras dos gestos da mão-vitiligada, as escuta com uma língua em liça e em dança desumanizadora, libertando suas ressonâncias com jogos do pensamento religados à matéria luminosa da inversão: um lahar fragmenta o impensável recriador da mão que se desertifica com sombras do vazio a experimentar incessantemente o inatingível: alguns dizem: olho e mão em afastamento adjacente tornam as palavras desabaladamente ambíguas e misteriosas, relacionando o efluir do infinito com o rastro irrelável de uma aparição rés ao emanar do impossível: enalços do inatingível em fuga e palavras dobram-se para dentro da mão sanguínea já a caotizar-se e a esculpir-se com o movimento retorcido das imagens a sintetizar frestas dos respiros com inervações vindas de um fundo intempestivo: um relâmpago germinal através do silêncio se expressa entre imagens e palavras, arrojando e atraindo desapareções anónimas com retornos de uma anamorfose a responder ao vazio da mão já enlevada pela iminência de um recomeço cruel aberto aos equívocos, à insubmissão e à renúncia: há uma fissura-distância incomunicável e escutada pela intermitência da mão tornada gesto paradoxal na consistência de um testemunho do vazio a anteceder um grito insonoro ou um acto de fala na intuição do impossível e do abstracto

rés à expiação já-dentro das imagens-palavras: por vezes, o insondável plenifica-se nas sombras da linguagem ligadas a uma quase catástrofe invasora dos desvios do real com o espanto a disjuntir e esconjuntar palavras através do anonimato mais obscuro de uma prática em ferida aberta e varrida pelo tardio abrupto que atravessa o desconhecido numa afinidade sem semelhança e simultaneamente íntima: dizem: excesso silencioso da distância, sendo já escuta e vigília de fendas de uma reverberação de sentidos a pelejarem ininterruptamente com movimentos das carnaduras da língua: uma passagem inóspita das palavras dobra-se sobre si-mesma ao sondar outras palavras-imagens sem intencionalidade, desmesurando-se para assimilar o entre-dizer atritado pelo esquecimento defronte ao dilaceramento respiratório: da palavra e da imagem despontam arquiteturas-relampagueantes já em ressurgência mutante por dentro e à volta de sons silenciosos a inatualizar qualquer tentativa de voz, duplicando-a com o seu próprio pré-dizer obsessivo rés à morte e à desapareição: excriptas se acirram umas às outras e esculpem, derivam, se demovem e arrancam mosaicos às suas perseguições já mergulhadas nos sentidos onde palavras acontecem impulsionadas pela desapareição que as faz respirar: dizem: nascedouros tumultuosos de palavras que rasgam e golpeiam vozes que os tentam decifrar, esbulhando-os com suas reentrâncias inomeáveis: uma excripta sempre resvalou na afirmação do delírio ao envolver uma cabeça de fluxos, de correntezas intuitivas que desandam e arremetem abismadamente a rasgar úteros do silêncio, jorrando sangue e dor com atritos de manto do silêncio onde uma experimentação de grânulos solares se transmuta em densidade do indizível irruptivo a placentar-se na voz em mancha molecular que procura um atrator estranho da tradução para contagiar e escavar ainda mais o que nunca disse diante de redes difractivas: há uma espessura de estilizações sintomáticas a extrair o inexplicável e o inconsciente diante de deuses desarvorados e enlouquecidos a avolumarem-se no meio extremo das ressonâncias de uma modificação verbal-em-si já percorrida por uma paramnésia a reconstruir uma excripta impulsionada pelas invaginações do silêncio e do crime da ilegibilidade: por vezes, um silêncio-animal precede o intocável de um grito fugaz onde as palavras tentam deslizar, coagular e cegar quem as designa quando se abrem ao infinito de uma fricção pré-babélica: há uma passagem aformal com rastos dos exórdios de vozes contra espelhamentos dos paradoxos a amostrar tropeços do abandono e fracassos mencionados pelos acasos mais intempestivos de uma existência sempre exilada pela visão que nunca nos pertence entre palavras a profetizarem o inexplicável e um possível dizer por meio das suas suspensões: dizem: um todo fragmenta-se com fractalidades rítmicas a ressoar torcimentos das palavras-imagens em divergência alucinante e saturadas de matizes sensoriais em voragem accidental diante da indeterminação, das do-

braduras do vazio e envolvida pelas esputações do silêncio a dissolver órgãos com alça-
premas dos auspícios que provocam inesperadamente silêncios ao experimentarem o im-
possível: aqui-agora: palavras lavram e debruam vórtices, desmancham-se e roubam
silêncios de outras palavras friccionadas por enlaces de imagens, dilatando suas fugas em
derrame por meio de heteronímias mais intrínsecas a coexistir nas crueldades espirituais
e nas etologias do desregramento mutante: aqui-agora: sombras imediatas das palavras
mostram as angulações do inconsciente viradas para o que está por acontecer na repetição
solavancada da língua delirante onde linhas espélicas de sangue estremecem dentro dos
intermezzos de um grito com ressurgências dilaceradoras, espaçando fendas com lapsos
espontâneos, enganos informes e deslizos de uma captura metamórfica: um hiato sinto-
matizado fortalece flagelos verbais pela histeria vidente a esponjar as fendas do silêncio
do instinto da morte onde uma mão vitiligada se suspende ziguezagueantemente entre
tempos-espacos sensorializados, uma excripta transbordante, uma migração mergulhada
nos opérculos obscuros e rasuras gémicas de um processo em miscigenação que a im-
pregna na dor diacrónica: uma excripta respira vibrantemente o infinito com as palavras
suspensas na dança do inconsciente que a penetram com seus entres em contracção ritma-
da a vibrar contra fracturas arregaçadas por trajectos de espelhamentos onde as mutações
entoadas por manchas assomam-se como sopros angulares e subterrâneos em brasa a
apreender e acolher o que está por vir catarticamente: suspender uma dádiva-excripta no
inesgotável da adivinhação que vem de um dentro caótico que se recompõe ao fazer silên-
cio no terror de uma língua inobjectivada onde uma mão cruza, se oculta e tangencia
como uma membrana escultórica em desmoronamento germinativo a exprimir seus aves-
sos e suas sonoridades intraduzíveis por dentro de palavras fendidas por imagens em
aforçuramento contraditório impelido pelas velocidades dos sentidos a mergulhar no in-
comensurável: aqui-agora: ressaltam timbres ancestrais-genéticos entre roubo de alteri-
dades que cingem palavras sinestesticamente como esboços catalíticos crivados por es-
barros dos sentidos entre capturas indefinidas a des-costurar espiráculos em dilatação
pelo rompimento de limites de uma voz-corpo: o ar espesso das palavras se atrita, dimana,
dissuade, articula, violenta, relampeja e se distancia em jogo cósmico e carnal, rasgando
diafragmas e pulmões para absorver uma arquitectura-excripta nos resvalos do sotaque de
uma duração intangível e de uma espreita do impensável a bater no real já esbulhado e
decifrado pelas ressonâncias musicais daquilo que está por nomear a cada instante dife-
rencial, a cada cruzamento da desapareição, da experiência intuitiva e da morte: um sopro-
-lahar levanta palavras ondulatórias, coagula-as, fricciona-as, fragmenta-as contra o pala-
to da expurgação do colossal, criando um choque ecoante pré-babélico, uma camada

expressiva, uma estranheza espiritualmente cárnea, uma divulsão vocal, um respiro sulcado pelo abandono e um grito impulsivo nos extremos obscuros de uma possível musicalidade-excripta fazendo pulsar-cintilar a matéria com o infactível e o estranho de si-mesmo onde por vezes a singeleza, as inquietações, os respiros do vazio e o despojamento verbal impulsionam irradiações cruéis pela presteza incontrolável e assimétrica do pensamento: há uma ressonância do impossível no eco das palavras-imagens a escorar uma tradução da fala sempre por vir por meio de alicerces do silêncio do vazio e o limiar do grito é já o fascínio do exílio a repercutir tragicamente e a materializar-se no corpo do excriptor que assimila batidas do desmoronamento e da deformação com o ritmo das geografias estranhas e de zonas pantanosas que o percorrem e o devoram, perfurando oscilações sensorializadas até ao recomeço das palavras a desfazerem-se na desumanização sensível do pensamento: uma excripta captura a distância de uma voz esculpida por sopros estrangeiros e pela tragicidade silenciosa do espaço que vem ritmado por uma enciclopédia de um DDM assignificante a atritar sentidos do impensável e a arremessar um corpo para vasculhos de uma memória-cósmica que se espirala dentro de um grito esculpido pela fulgência de uma língua emigrada, tentando buscar uma voz desmesuradamente testemunhal no entre-dizer de uma insurreição defronte à passagem de um acidente germinativo: uma excripta-lahar movimenta-se plena de deformações rítmicas compondo geografias estranhas com entrecruzamentos indeterminados que se abrem ao acaso géstico da mão a voltar-se para o mangue onde as palavras devoram-se, regurgitam-se, esculpem matérias, estremeçam, devastam, solavancam, hesitam, oscilam, obscurecem, desaparecem, renasçam e tramam com dismorfias por meio de cartografias anómalas, articulando o intraduzível aos hiatos verbais que precedem as desdobras sígnicas, fazendo do infinito um chamado do avesso e da estranheza: dizem: alucinar angulações dos vazios com os assombros, desvios, extravios, rupturas, desarranjos, desvarios e deformidades das palavras a resgatar respiros do corpo: dançar uma presença em desapareição com falhas expressivas de uma génese em sublevação, irrompendo de um limiar irrefreável sem fundo que impulsiona sempre uma mão-vitiligada-na-excripta para o cristalino caótico pleno de vazamentos abstractos e compositores de passagens de nébulas-olhantes: uma voz chama de dentro pelo grito, aproxima linguagens do silêncio, dobra suas membranas visuais-gésticas, tenta cifrar-se na estranheza sígnica religada à anterioridade palimpsésica do corpo, relança uma tradução inactual por meio de uma nodosidade respiratória e na espera-durável de uma marchetaria sinestésica se torna profecia do inapreensível, ressoando intermitentemente: excriptar com o que anteverte as palavras no limite de sons e nas assonâncias de uma hiância desumanizadora onde o silêncio cria entreforças rítmicas,

se faz golfada abíssima no desconhecido a extrair uma escuta prismática e a tecer-se numa voz encarnada pelo inconsciente, escavando acessos dançantes e invaginados para pré-devastações de sentidos inéditos: aqui-agora: palavras-lahars absorvem tragicamente a velocidade lenta do imperceptível da mão, transmutam visões, assimilam o que desaparece, experimentam o silêncio nas zonas mais ocultas, chamam pelo tempo através de intervalos espiralados, vasculham vestígios ao construir espaço, se arremessam por dentro de forças incorpóreas, desfazem-se mutantemente e mostram as profundezas irrefreáveis de uma língua, tentam desocultar ao dizer o inexprimível através de seus cortes desérticos, repetem-se como matérias vivas na inquietação do real, arquitetando acessos de um idioma sem criar designações, tornam-se em exercícios de um tremendo desvio por dentro de um tempo enlouquecido: dizem: lucidez do inalcançável e do incognoscível onde rasgaduras das palavras revelam vozes duplas e múltiplas adjacentes à musicalidade silenciosa de uma saída respiratória: um alfabeto carregado de invasões animalizantes e um grito desliza na própria vazadura transdutora, rasga-se nos limites das falhas sopradas pelos opérculos das palavras que aderem ao indefinido e dissolvem-se no espelhamento de uma quase-voz dissecada pelo inominável, alcançando uma ablução que transborda topologicamente para escutar o respiramento da demudança indeterminada do lahar no risco oculto de uma língua: dizem: pronúncia assintáctica de uma voz em desvio esburaca vazios e visões inesgotáveis, revira-se até à emergência do abandono a reverberar o silêncio do indefinível no manguezal rítmico do anónimo: um detrito explorador de sensações nómadas, um restolho das enervações dos expurgos e uma contágio micelial à volta de uma mão-agramatical que cria lapsos intrusivos, deambula, repousa moventemente e se devora enquanto excripta involuntária a turbilhonar-se com seus limiars entre abalos desregrados da dor: uma voz cravada na ferida dobra-se para dentro da inflamação peristáltica sempre por desvelar, sangrando, desfazendo vilosidades, obscurecendo-se em brasa invasiva perante imagens desconhecidas: dizem: risco anómalo de um esquecimento intuitivo a ressoar à volta do silêncio de uma voz em inversão que tenta sair pelas lacunosidades da desmesura já com muitas vozes acopladas ao seu avesso auscultado pela visão-lahar em movimento vesânico a enlaçar-se nos instantes musicados do inconsciente: dizem: dessimetrias fabulares nas descontinuidades do tempo a friccionar espectros inventivos do incógnito entre suspenses tensionados da língua em fenda e acasos ressoantes de um dicionário onde a interrupção dos escombros das palavras aborda alcances em desapareção e se faz interstício atassalhado no precipício de um olhar a brotar desabaladamente de uma língua irresoluta, descomunal e incoercível: aqui-agora: um quem-sabe emalhetado diverge nas travessias sensíveis de uma língua estranha, torna-se em enervamento imprevisível

vel, destroça ondulações da estirpe antes das escorregadelas de um rosto e impulsiona o irrevelável para uma rasura fugaz envolvida pelo contubérnio da insânia que ainda dá voz aos tempos paradoxais do esquecimento: dizem: vir à tona do equívoco, da dor e do terrífico com bordas das estranhezas excedidas por ressonâncias da diferenciação visionária da morte a obscurecer animalmente uma procedência da palavra diante da imagem impossível, da imprecisão e do anômalo, reescrevendo uma partitura acósmica do tempo através de uma língua quase-indiscernível que vem da mãe-do-corpo sempre obscura, insurgida e vertiginosa: aqui-agora: uma mancha sanguínea envolve e rasga a língua, traduzindo com a miscelânea extremada de outras línguas a tangenciar territórios pré-voçais: uma excripta sobeja sua turbulência exilada por meio de rastos de uma língua em arquivo-espongiário de restos de episiotomias a inactualizar-se numa intuição aformal: dizem: regurgitação crítica de vozes em desapareição axadrezada dentro de um genoma assombroso que excripta a excripta através de um levante heteróclito em abaladura constelar simultaneamente a perder-se de vista no inacabado e a gerar tempo expressivo numa fissura perceptiva: dizem: espreita de uma fala inqualificável a infinitizar-se na desumanização que inventa, borda, talha uma língua indefinida e arremessa suas géneses para uma volteadura de desarranjos verbais e criadores de instantes delirantes e inomeáveis, miscigenando vertigens, latências, fecundações e ressonâncias nos recomeços do ilegível e do desconhecido: no colossal interstício do roubo de espaços latejantes, uma dissolução de fronteiras despona vesanicamente e espiritualiza um olhar incontrolável com o infinito de uma cisão compulsiva nas palavras-imagens: dizem: uma excripta-desenho-esboço a ritmizar-se no ilegível e na deformação verborrágica onde um rosto é zurzido pelas molduras de um baixo-relevo-delirante e pelos bordamentos das palavras-imagens: eternizar ingredientes mutantes de uma etologia com a agudeza demoníaca em recomeço imanipulável na gestação turbulenta de um verbo ritmizado pelo vazio de uma traçadura de espantos cruéis a fazer da nosografia uma vesânia em si-mesma: o rigor de um chamamento de falhas, de vórtices, de dobras e de restos de raptos de adjacências irruptivas cruza uma alucinação de palavras-valise, tensiona, desorienta-olhares e sintetiza paradoxalmente o tempo com os movimentos extremados de uma estranheza a transmitir batidas musicais com distâncias espalhadas pelas carnagens caóticas: uma excripta ritmiza-se ao dizer consteladamente o que o olhar não alcança: um poço de húbris a transbordar suas ruínas, suas cesuras e suas espreitas incomunicáveis: uma excripta a respirar fora do elucidário e do calepino, alterando-se fabularmente ao esponjar respiros da desmesura, do inominável e do desconhecido: uma excripta pela linguagem do inescrito a extrair palavras por explorar do pântano-mangue em profanação, levando uma mão à dança: aqui-a-

gora: imagens-palavras em fuga refazem vida sublunar, assimilam expressões, deambulam no caos, transportando voragens para o ritmo de uma mão-vitiligada a criar um respiro no horror, nos escombros, na volúpia, no anômalo e na insânia: uma excripta esgota-se na crueldade assombrosa com uma mão a absorver silêncios impiedosos e a atravessar o espaço pneumatóforo para se tornar em traço de um fascínio caleidoscópico, atingindo o inapreensível através do excesso anorgânico em brotamento: excriptar é uma guerra de esboços, traçaduras, manchas, físgadas insólitas e de acidentes larvares a atassalhar pontos enciclopédicos com laivos expressivos que embatem na visão esponjosa da morte e na dor carregada de metabólitos do vazio, mostrando palavras-imagens incontidas e arrebatadas até aos escombros mosaicistas a fulgurar no magnetismo gótico e barroco: uma palavra-lahar nunca abandona a morte de outra palavra, poderá até se afastar dela através de uma DANÇA-ZAOULLI, escarificando-a, revivendo-a ao incorporá-la por meio de travessias trágicas e de sacrifícios instintuais e alucinatórios: por vezes uma fala se renova ao desaparecer antes da extinção e da libitina, atinge o ritmo de um clarão e desvia-se cruelmente diante de uma impossibilidade para transvazar cercas através das suas fissuras silenciosas, tornando-se dupla, psicodélica e polimórfica: dizem: um delírio expressivo em coexistência-lahar: uma mão vê, desdobra e sumula no improvável, estilizando sua animalidade com o repouso movente criador de múltiplos abarcamentos de rupturas onde palavras-imagens habitam o inapresentável com o aqui- agora a livrar-se do precipício por meio de uma dor-oculta: marchetarias de uma vigília acósmica a plasticizar o eco de uma voz anterior às turbulências gísticas através de fabulações e de sínteses jazzísticas: há uma inquietação verbal imersa no infinito gerador de vibrações alógicas de uma excripta-possível rés à liça caótica de uma medida ocasional já com o informe a espelhar suas ruínas do alhures perante a escuta do silêncio de uma voz onde um grito se devora para irromper em forma de risco e de destroço: uma excripta se extrapola e se verte com minúsculas percepções sintomáticas a enrevesar pontos de vista entre derrocadas e extravasamentos apanhadores de flagelos em sobressalto verbal: dizem: uma elevação do vazio reinventa vida com o lahar a inscrever-se na mão-corpo-rítmico e uma entrada do acaso e do impensável despedaça-se, diferindo-se com uma escuta dos esbarros das palavras-imagens entre a leveza caleidoscópica de um instante defronte a um limiar de flabelos já em bifurcação óptica, ecoante e sonora: há uma visão intermitente e ininterrupta de uma excripta acolhida pelo inacessível e simultaneamente trágica e sacrificial rés ao cântico do infinito, à sanha do expressivo e ao riso do impossível que se desvia da morte, olhando-a de esguelha, criando através da desumanização, do desconhecido e de um acervo híbrido estilizado por um puzzle de detalhes despontantes e anorgânicos: dizem: perfurar o abis-

mo-micelial do lahar onde uma língua brota sem precaver e fora de qualquer origem determinada, diferindo e doendo, transbordando na estranheza defeituosa de uma fala: uma ontologia intempestiva de um exórdio-de-entres-desconhecidos a rasgar formas e a gerar uma excripta através de uma tendência inactualizada e de uma ficção coexistente com a densidade da inocência e a crítica de si-mesma: uma passagem histórica busca um corpo no indecível insonoro com vazios reluzentes a envolver uma agudeza e o indefinido de uma mão-vitiligada aberta pelo sussurro do impossível que arranca forças verbais por meio de arrasamentos de imagens onde prensões de lahars-de-acasos dançam, mostrando contrastes, processos, prenúncios e espreitas em torno de encontros de pasmos expressivos e plásticos: um espectro-idiolecto rasga geografias da morte com uma língua gérmi-ca a irradiar súmulas rudimentares e anómalas com o silêncio acósmico a experimentar um lahar dentro da pavorosa linguagem, traduzindo arrabaldes e hiatos de uma excripta onde uma vida se torna assemiótica pensando o múltiplo do avesso da existência através do impensável testemunhal quase-fora da voz, enlaçando o inacessível ao desconhecido até ao fascínio da transmutação do corpo-géstico a flutuar na intimidade impiedosamente sonora de um silêncio: dizem: um extravasamento de paradoxos a atritar silêncios na inquietação das imagens e a suspender o indiscernível com o aformal infiltrado no caos da matéria-lahar onde tendências de um estilo inusitado ritmizam o impermanente e a solidão com fracturas das vozes a fender palavras intuitivamente até à experimentação membrar do incapturável: entranhar depurações inauditas das palavras no caos das imagens com grandezas de tempos a antecipar rachas ziguezagueantes do vir-a-lahar como reco-meços híbridos nos jogos de vizindade de atratores de uma errância imprevisível, do rigor atópico e de um duplo aberrante diante da dor e da desapareção imemorial: aqui-ago-ra: uma mão arrisca seu respiro pelo ritmo da excripta em dilaceramento entre voz e mangue por vir: dizem: um inconsciente-jazzístico nas LAPIÁS do pensamento (subducção sintáctica: um limite a transvazar, criando incisuras e cortagens na percepção: uma vol-teadura expressiva-delirante estremecendo ao experimentar o acaso, singularizando-se no múltiplo-lahar): um arrasto de renques turbilhonares a invadir, tragar e a sair do caos-lahar com possíveis fundos inesgotáveis de vozes à volta do silêncio sempre por traduzir, experimentando sombras rítmicas: uma histeria de epistemes a adentrar-se nas espessuras de uma animalidade plena de ressonâncias intuitivas à volta das consistências fractais das palavras propagadas por meio de atritos do impossível que perfuram as vernações esquivas das imagens: uma mão-vitiligada esboça o que não antecipa e o que não consegue suspender, testemunhando seu desvio aformal e seu silêncio ao se tornar ininteligível, des-construindo-se diante de sentidos tumultuosos geradores de tempo através de uma

histerização vitiligada: excriptar com as tramas de um olho vibrátil nos limiares extremados por uma obscura vidência entre incontroláveis clarões do exílio e traços de silêncios dilatadores de uma cabeça de tempos crônicos onde gestos grávidos de devires ritmizam-se silenciosamente entre percepções que se movem esfaceladas tentando acolher o impossível nos vazios das imagens-palavras: arquitectar, traduzir e decifrar mutantemente desvios inéditos-da-mão entre golpeaduras de palavras e tensões de imagens dançadas pela alteridade inesgotável do lahar que se revigora por meio de incertezas e através de conceitos-ruínas a esquartejar durações com o inominável, subvertendo o dizer com dobras do pensamento a criar distâncias ao aborver o silêncio do inexplicável: um intermezzo de coexistências plenas de vazios a compor afectos aperiódicos com aglomerados do impensável ao redor de sintaxes sempre por estruturar em torno de uma voz intraduzível: sintaxes cruéis na vertigem do impossível e de uma quase-expressão, abrindo e transvazando linhas perceptivas mergulhadas nas oscilações do vazio-lahar a experimentar o silêncio por meio da escuta do insituável: aqui-agora: atitudes e posturas e gestos deformam-se na fricção com o infinito de uma génese alucinatória onde uma mão-vitiligada tenta decifrar sua acosmicidade com o inactual alógico de um assombro que a persegue carregado de restos germinativos: excriptar rizosfericamente com o imemorial gótico em demudança emaranhada contra uma hesitação dançante feita de brincolagens intervaladas por expressões geradoras de ritmo com intensidades incorporais a renascer nos espelhamentos fendidos e nos mapas dos respiros sem imediações a propagar fissuras do silêncio contra os limites da dor, deformando-se: dizem: múltiplo lahar respira sua indeterminação desumanizadora com personagens caóticos entrelaçados por afecções inconscientes a escorar geografias de vida com danças infinitas do real que se repetem minuciosamente: por vezes, uma ciência da duração se espiritualiza cruelmente e mostra a incomensurável azulejaria-constelar e uma obsessão verbal avassaladora com mapeamentos de vazios à volta de tensores de curvaturas do delírio: outros dizem: esfinges rítmicas se falam a si-mesmas com travessias sígnicas imprevisíveis, esponjando estranhamentos randômicos em choque intermézzico: redizem: uma mão-vitiligada a cavar seus vazios, metabolizando-os com movimentos obscuros já cruzados por instantes inesgotáveis do inconsciente germânico pleno de hospedeiros-lahars: lacunas de palavras percorrem imagens ondeantes insurgidas à volta de matemáticas em marchetaria a friccionar uma duração caótica da cesura a re-excriptar-se com o próprio silêncio: outros dizem: misturação de fendas heterogêneas a coagir o impensável de uma mão andarilhada por cruzamentos geográficos-larvares com pululantes lampejos a capturar o olho da multidão sempre inacabado: há quem diga: fluxos de espelhamentos impetuosos entre palavras e imagens na tradução

suprema de um caos nos verbos de uma mão esculpida por outro caos entre agudezas e lucidezes ampliadas pelo lanho transmutador de uma visão a interromper um lahar: há absorções de velocidades, de desmesuras, de retardações e de efervescências de uma triagem delirante a cunhar um vírus em vórtice caleidoscópico até à fundura dérmica do sublime de uma sombra aformal: aqui-agora: vazam sensações em transmutação contínua, avizinham-se restos incorporais brincando com falhas e compondo um corpo com deformações: um corpo-lahar que nunca diz seu desígnio, sua entrada, seu exórdio e seu limiar, repetindo intersticialmente: ondas lahars assimétricas expandem-se indeterminadamente e atalham uma visória de excriptas-possíveis com o acaso do sensível mosaicista: opérculos da quase lipotimia a incutir uma imprecisão povoada num verbo excluído a escarificar o infinito de uma dismorfose, de um encontro de visões-imediatas e indecidíveis onde por vezes um excriptor perde a roçadura de uma fala e se torna desapareição para se intensificar expressivamente: dizem: descentrar historicamente uma imagem-palavra com forças heteronímicas a catapultar um real intuitivo com vidências impulsoras de uma cegueira rítmica por meio do acósmico e do anómalo tradutor de uma afecção do desconhecido em torno da ressonâncias de uma improvisata do indizível antes da queda de um corpo: dizem: resistir ao lahar sendo já lahar e acontecer através do lahar em movência micelial criadora de tempos de um entredizer com ruínas quase-intraduzíveis, vozes históricas e sensações a refluir carregadas de acasos e de passagens inconscientes: outros dizem: excedente do descomedimento a esgotar-se entre o anómalo de uma visão insuportável onde uma epiderme regermina com tempos enviesados, ondulatórios e prismáticos: alguém diz: um sintoma anorgânico a refazer um verbo arqueológico com vestígios incorpóreos: há um abalo fabular enxergado pelas abscissas de uma solidão-animal a ocultar e a revelar simultaneamente passagens dos silêncios-das-palavras que entrelaçam composições intuitivas até à estranheza impulsionalada pelo quase-dizer-testemunhal: arrastão-laharsista que é-já dádiva delirante a regurgitar uma visão tectónica para lá do movimento, deformando palavras-imagens com destroços de um espanto, de equívocos e de um alvoroço cheio de fracturas e escorços a distender lides, acenos, prestígios, fiações e renúncias dentro de inacabamentos manchados pelos ritmos de plasticidades em batida bifurcada, durando constelamente: dizem: resquícios de latências-lahars a escavar o inconsciente traçado pelos trechos crípticos e lávicos que escoram uma excripta através de escoras do ócio e do vazio: sorções coabitam estilhaços das estranhezas e dos reversos onde um espaçamento esconde e mostra coexistentemente o estímulo da dilaceração verbal já talhada em jogo pela lâmina convulsiva do impensável: um lahar sorve vazios, fracções dos recomeços do ver que faz da cegueira uma encarnação da vertigem a suplantar pontos de

vista com anamorfozes e catástrofes transcendentais por meio do cristalino e do diáfano em risco junto à solidão de um respiro desregrado: há um lahar quase inapreensível sobre e contra uma mão prismatizada pela errância com várias dimensões de tempo a oscilar por meio das multiplicidades do vazio: dizem: uma pele-excripta-espectro incide sobre a metamorfose híbrida de um lahar a assimilar uma repetição indecifrável e eterna da natureza onde a visão é fendida pelo colecionador anônimo com gestos verbais sempre insaciáveis e irresolutos a livrar-se e a emaranhar-se simultaneamente num mosaico de pasmos e de alarmes-limiars: dizem: um chocalho de fósseis a obtemperar o que está em obra diante do terror rés a um retalho da mão-vedora à volta de uma espreita e de uma vigília irresolutas, perfurando vesículas paramnésicas com ucronias órficas: outros dizem: criar eternidade com repetições simultâneas, antecipando o impensável-lahar através de imagens hipnagógicas: há uma escolha de frinças arrebatadas pelo próprio utensílio de uma apocatástase a construir acervos de resíduos-lahars defronte à catástrofe verbal, revelando um tempo por meio dos espiráculos refractivos das suas excriptas, além disso, e ininterruptamente no assombroso, na desertificação e no incógnito: um lahar-esquivo engravida continuamente a desmesura, placenta-a com uma visão à distância carregada de pechas, escórias, mangues e micélios por desemaranhar, experimentando o sintoma da alucinação e do inexprimível: um olho-no-lahar a entrelaçar-se na mira kairótica em cicatrização obscura com minúsculas golfadas de uma imprevisibilidade a exaurir-se no retraimento do inédito entre adjacências do oculto e afecções de uma quase-cegueira que histeriza e hibridiza a visão, fragmentando-a com o múltiplo que é já exuberância do estilhaço onomatúrgico: dizem: anómala flutuação na voltagem de uma dor em desvio a misturar estranhezas com indefinições em rasgo óptico-sonoro por dentro de uma imagem-sorvedouro-sublunar a esperar pelo gesto labiríntico da excripta: dizem: reminiscência-mangue sintetizada pela dor molecular: contemplar a eternidade cristalina entre o tarde demais viscontiano e o nunca mais de E. A. Poe onde o desconhecido vibra por dentro da centelhação-lahar de Turner: lahar-lampejo a penetrar o infinito do insensível e do imemorial até alcançar o expressivo instantâneo de uma anipnia inactual: um desvelo palimpséstico a borbotar poços de tempo puro contra espelhamentos de uma falha: há zonas cubistas de um todo em escoadura acronológica-lahar a tecer-se, distorcendo-se no inconsciente de um real por acontecer na excripta: um lahar disseca a imagem e gera uma repetição incessante através de suas géneses cruéis, disformes e latifoliadas por um cristal plissado pelos cortes de uma molecularização sísmica de um todo-epifânico que ecoa nas cizânias espessas de uma afecção em esgotamento aiônico, tricotando imperceptivelmente as decomposições verbais atraídas pela germinação infinita e vertiginosa da diferença:

há um lahar a traduzir sua renovação caótica com mosaicos diferenciais e minúsculos mangues dilatados por instantes contraentes bergsonianos, durando através de desvios labirínticos e de pressentimentos intuitivos: arrancar da eternidade o altivo-gérmico de um tempo-rebotalho com velocidades em tardança simultaneamente friccionadas na mão-em-risco de uma excripta tensionada pela sua adivinhação-hospedeira: desabar nas coexistências, nas mudanças, nos actos e nas metamorfoses com atritos em contemplação coalescente a inventar dobras vibratórias e sínteses que alforriam labirintos, retornando tumultuosamente por dentro de acosmicidades sinápticas: eis o delírio-laharsista a caotizar larvarmente entretempos de uma radícula nervosa de um salto diante dos destroços conjugadores de verbos por rebentar: dizem: não-obstante-em-jogo: há uma transmissão de errâncias de uma visiva escovada pela matéria acesa de um mosaico sempre em embate e quebradura entre latências espélicas e um paradoxo defronte à tragicidade e às ulcerações da dor: dizem: um lahar contra o mangue em gutação coexistentemente suicidária, naufragante e a levantar o múltiplo de um rascunho já incisado pela própria imagem única de quem vê por meio de uma escuta estrangeira onde ínfimas trepidações mostram uma desapareição regerminativa e uma sobrevivência alucinante diante do insuportável: lahars e volutas a infiltrar uma desvastação no respiro da agudeza e na beatitude cruel, singularizando rigorosamente a solidão mutante da carne-viva em inacabamento, esculpindo uma dor, perdendo-se na rasura, na incerteza e no abismo do real porque não há aqui uma descoberta, mas uma saída invasora junto à catástrofe-hifal e à passagem de uma tremenda ruína: dizem: vida em ressurgência obscura, estilizando-se com uma regurgitação do esquecimento futurível a impelir um crime-libertador e uma ferocia contínua e intermitente que fazem do instante-lahar uma plasticidade intempestiva e caleidoscópica: alguns dizem: uma ruga sangrenta na mão-vitiligada, vacuoliza-se lavarmente: há um extravio apossemático, uma estranheza intemperística, um deslumbre coraloide, um estilo do assombro, uma antropofagia do riso ontogenético, e um germen cinematográfico avança pelo delito da inocência até à composição-andarilha do alhures onde a presteza do impensável faz da animalidade um potlatch defronte à energia múltipla de um naufrago: dizem: silêncio da palavra extrai um caos intuitivo e se obscuriza para se deformar-respirar entre fluidos do inexaurível helicoidal e a indeterminação nómada de um lahar: por vezes: a flutuação indefinida de uma ruína-imagem abre-nos às áscuas do desconhecido para rescindir o tempo na mão-vitiligada de uma excripta quase-incontrolável e nunca confessada completamente, desmanchando-se pela insídia, pela arapuca e solércia da sua avalanche em vaporosíssima cólera junto ao respiro, à quase-revelação e ao informe salto da pele: um lahar imprevisto repete-se na trepidação indefinida até ao esgotamento-esbo-

ço e o manguezal pensa jazzisticamente o mundo com o inconsciente e o inapreensível entre micélios alucinatórios e adivinhações helicoidais onde uma mão da excripta escapa e continua a viver com seus destroços vasculares e anómalos que espelham minúsculos flabelos tensionais sobre hulhas de uma pele a sangrar vitiligadamente, improvisando: dizem: travas de coexistências temporais irrompem dos interstícios escópicos a testemunhar um olho-erótico-animal que rasga a turgescência de uma visão e põem em vórtice as bordas do lahar, dando voz ao estranho no cruzamento do silêncio de uma ressonância-grito rés à morte, à oblação, ao indiscernível, à oferenda e à dádiva onde uma fronteira dissolvida ecoa nos alicerces moventes das palavras-imagens: dizem: um olho da animalidade fissurada arremessa sangue violentamente pelo lahar a fuera, architecta mangues vibratórios, arrasando distâncias, diferindo-se através de lapsos de si-mesmo já plenos de azulejarias e fotogramas eclípticos: esta ínfima amostra de um assim-mesmo-inextrincável a caçar as gradações da lacuna que transbordam com um rumor da insânia de uma dança nomadizada verbalmente: dizem: uma incisão verbal implode no desfiladeiro da glote, indeterminando-a e um rosto desaparece no prodígio mutante de uma excripta a criar vias para a catástrofe respiratória onde resvala o inominável a esgotar-se na rizosfera do infinito para enxergar o excesso nas fendas agramaticais, escutando mosaicos da transmutação somática através dos órgãos indefinidos e dos estomas do insondável: aqui-agora: o vazio gera hibridações do inefável de uma imagem a dissolver-se para libertar tempo, flutuando prismaticamente: o vazio-lahar assimila a veia do exílio de uma palavra na crueldade do seu rigor e nos jogos de um sopro a vazar para o impossível onde qualquer lugar nomeável se dilui e se expande com sons gretados de uma voz inusitada: excriptar com a voz impronunciável do silêncio adentrada no grito em dilaceração-lahar a incidir no escapamento do inconsciente, esculpindo imagens em devaneio por detrás de palavras impulsionadas pelos sentidos incessantes do real que abisma uma existência no desconhecido entre actos-de-falas a escoarem-se vis-à-vis ao horror e ao sofrimento de quem se concerne pulsantemente pela tentativa ininterrupta de uma cura: excriptar na duração anterior aos heterónimos-precres entre imagens-palavras e um gozo de contágios moebianos a restituir o vazio às raspas do grito que se esculpem nos espaços silenciosos de uma varredura arterial em tragação: há traçaduras inauditas, sobras de textos, rebentos de esbarros, rasgos nos deslizos e nas viravoltas da língua e alguém grita atrás de um acesso a uma beirada da voz inesperada que afunda seu precipício no resvalo do silêncio onde uma crueldade vazando sínteses temporais faz dos resquícios da mão do excriptor um ofício solitário entre ecos inexoráveis, rufares da ebriedade e súbitas relações de forças ambíguas em meteorização: há uma excripta na alteridade de um adverso em torção

contagiante a avizinhar-se de uma escapatória amniótica da eternidade e o indiscernível molecular desenha-se diante do falso, do contraste, da fractura e da astúcia e se faz processo inconsciente através da deformação mais lúcida já em atrito devastador: dizem: cavidade sonora em afastamento animalizante cede epitélios de uma voz à perfídia da visão e uma cabeça é afundada contra a entretecedura do impensável pelos ecos dançantes de uma língua diante da morte, das ruínas e do entremeio de uma mão-vitiligada a dar sentido ao seu espasmo-em-crise-excriptora, obscurecendo-se no abalo da ocultação, rebrilhando: excriptar o outro intuitivo, mudar de peneira, oscilar no obscuro, penetrar nele, livrar turbulências dentro da língua e rasgar o espírito com uma vernação única do esquecimento até fazer da alteridade uma dor endorreicamente enfurecida pela própria dor: dizem: um lahar da desumanização delicada e sensível a escoar-se pelo futuro imediato e instantâneo de uma tradução diante de um tremor, da profanação, da blasfémia, da irrisão, do inapropriável, do riso, da calamidade, dos fracassos, da febre, do abandono, da gangrena, do suicídio, da cura, da soleira, do vício, da queda, da lucidez, do sacrifício, do desespero, da melancolia, do irrespirável, do instinto, da encarnação, da morbidez, dos enfermos, das transpirações, dos abortos, da pele, do osso, da náusea e do grito içado do fundo quase inexaurível da palavra já em anomalia pelo esquecimento fora, pela beira apomórfica, misturando sentidos com a física do inesperado e do impensável: por vezes uma iluminadura, uma coalescência de vagalumes absorve as forças de uma voz das imagens onde uma gemulação do grito atravessa a língua insonoramente e torna a fala fabulatória através do silêncio desmesurado de um chamamento em levante entre ressonâncias da derrocada e um embate quase-intraduzível de um dizer já-acidental a testemunhar a escuta rítmica de uma brotadura anómala: dizem: um espírito ornitóptero vitraliza o pavor de uma fala inacessível com o que distingue no incógnito e na esquivança, des-aparecendo infinitamente nos dicionários de anatomias insanas da vida da morte, no instante da estranheza e da prudência acósmica a enredar-tragar as filigranas da real: dizem: saída já fendida e delirantemente verbal a traduzir-se pela massa volumar de um vazio que se espalha no desvio-aiónico onde uma mão dolorosamente em devir se torna bricolage-cristal de vida e alucinação, espreitando géneses e glumas da morte: uma mão-vitiligada que é CORPO-TUDO em cravejamento constelar: uma mão-vitiligada que é acto raivoso e colérico: uma mão-gárgula com retalhos e válvulas randômicas: uma mão-anastomosada babelicamente: uma mão-CORPO-dor: baldrame caleidoscópico de um sopro, estacarias de um respiro entre volutas ectópicas: lahars.

Fragmento do terceiro volume da *Obra Poética. Estética do Laharsismo e um bailarino sem cabeça*. Coleção Arcoboleta (do acervo do escritor), de Luís Serguilha.